

Doi: 10.17058/rzm.v13i2.19736

“É ISENTÃO QUE VOCÊS CHAMAM POR AQUI NÉ?”: DIREITA, ESQUERDA E O DISCURSO POLÍTICO NO BRASIL

“É ISENTÃO QUE VOCÊS CHAMAM POR AQUI NÉ?”: DERECHA, IZQUIERDA Y EL DISCURSO POLÍTICO EN BRASIL

“É ISENTÃO QUE VOCÊS CHAMAM POR AQUI NÉ?”: RIGHT, LEFT AND THE POLITICAL DISCOURSE IN BRAZIL



Bruno Roncada¹

Silmara Dela-Silva²

Resumo: Este artigo analisa discursivamente um vídeo publicado no perfil do apresentador Luciano Huck na rede social X. Fundamentado no campo teórico-metodológico da análise do discurso de base materialista, volta-se ao que (não) se diz acerca de direita e esquerda, na peça midiática em questão, e aos modos como tais dizeres produzem efeitos de sentidos para o espectro político brasileiro na atual conjuntura sócio-histórica. O trabalho frisa a importância de distinção de diferentes esquerdas e direitas.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Mídia. Rede social X. Luciano Huck.

Resumen: Este artículo analiza discursivamente un video publicado por el perfil del presentador Luciano Huck en la red social X. A partir del campo teórico-metodológico del análisis del discurso de base materialista, se aborda lo que (no) se dice sobre derecha e izquierda, en la pieza de medios en cuestión, y las formas en que tales dichos producen

¹ Universidade Federal Fluminense - Niterói - Rio de Janeiro - Brasil

² Universidade Federal Fluminense - Niterói - Rio de Janeiro - Brasil

efectos de sentidos para el espectro político brasileño en la actual situación sociohistórica. La obra enfatiza la importancia de distinción de diferentes izquierdas y derechas.

Palabras clave: Análisis del discurso. Medios de Comunicación. Red social *X*. Luciano Huck.

Abstract: This article discursively analyzes a video published by presenter Luciano Huck's profile on the social network *X*. Based on the theoretical-methodological field of materialist-based discourse analysis, it turns to what is (not) said about right and left, in the media piece in question, and the ways in which such sayings produce meaning effects for the Brazilian political spectrum in the current socio-historical situation. The paper emphasizes the importance of distinguishing different lefts and rights.

Key-words: Discourse analysis. Media. Social media *X*. Luciano Huck.

Introdução

Neste artigo, analisamos um produto audiovisual compartilhado em abril de 2024 pelo perfil do jornalista e apresentador Luciano Huck (2024) na rede social *X*, até 2023 denominada *Twitter*, como ainda é referida por muitos. A mudança de nome veio após a rede ter sido adquirida pelo empresário Elon Musk. O produto que analisamos trata-se especificamente de um vídeo com duração de um minuto e 44 segundos no qual Huck, apresentador atualmente na *Rede Globo*, busca se colocar como alguém que procura acolher as melhores ideias da esquerda e da direita política, sem se prender a um dos dois campos. No texto publicado junto ao vídeo, lê-se o seguinte: “É isentão que vocês chamam por aqui né?”. Nossa proposta volta-se à análise do modo como determinados efeitos de sentidos são produzidos a partir dos dizeres veiculados na peça midiática, com foco nos discursos sobre esquerda e direita em funcionamento no vídeo publicado pelo perfil do apresentador. Para isso, tomamos como base teórico-metodológica a Análise do Discurso materialista, cuja fundação aponta para o nome do filósofo francês Michel Pêcheux.

Nesse processo de pensar os discursos sobre esquerda e direita em funcionamento, analisamos também as imagens projetadas pelo sujeito que fundamentam seu discurso e que atuam na formulação dos dizeres a respeito dos dois campos políticos. Assim, constituímos nosso dispositivo teórico-analítico por noções basilares do campo teórico da análise do discurso, como formações imaginárias e memória discursiva. Compreendidas como o modo como no discurso são projetadas as imagens dos sujeitos em suas posições discursivas, bem como as representações a respeito daquilo sobre o que dizem, as formações imaginárias estão presentes em todo discurso, conforme Pêcheux ([1969] 1997, p. 82), estabelecendo “as relações entre as *situações* (objetivamente definíveis) e as *posições* (representações dessas situações)” no discurso (itálicos do original). Essas projeções, por sua vez, não decorrem de uma expressão voluntária do sujeito, mas da memória discursiva, compreendida como interdiscurso, constituído, conforme Courtine (1999), por enunciações anteriores – já-ditos – que são retomadas no dizer.

No percurso que aqui trilhamos, começamos por pensar as condições de produção dos dizeres que, conforme afirma Pêcheux ([1969] 1997), compreendem o modo como o que costumeiramente é considerado como a exterioridade ao linguístico comparece no discurso, produzindo efeitos: Quem é Luciano Huck? Como ele se coloca perante as discussões mais recentes na sociedade? Essas são questões importantes e que nos ajudam a pensar,

particularmente, nas imagens projetadas pelo sujeito que produzem efeitos de sentido no discurso em análise. Posteriormente, passamos a um primeiro gesto analítico, voltado à metáfora do futebol para se dizer sobre a política, em funcionamento no vídeo. Em um terceiro momento, analisamos as projeções para direita e esquerda no espectro político brasileiro, como se marcam no dizer do apresentador. Por fim, trazemos algumas reflexões propiciadas pelo gesto teórico-analítico que empreendemos, buscando, assim, contribuir para as reflexões sobre o discurso político no Brasil, na atual conjuntura sócio-histórica.

Das condições de produção do discurso

Ao definir o discurso, objeto teórico, como efeito de sentidos que se dá na relação entre a língua e a história, Pêcheux ([1969] 1997, p. 79) afirma que “*é impossível analisar um discurso como um texto*, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesmo” (itálicos do original), mas que é necessário analisá-lo em relação às condições de produção. No desenvolvimento teórico da análise do discurso no Brasil, Orlandi (2013) aponta que as condições de produção do discurso compreendem tanto as circunstâncias enunciativas como o contexto sócio-histórico que determina os sentidos; assim como as posições ocupadas pelos sujeitos no dizer. É dessa perspectiva que nos voltamos ao vídeo que mobilizamos para análise, com vistas a pensar suas condições de produção.

De acordo com informações do portal *NaTelinha* (sem data), Luciano Gronstein Huck é um apresentador e empreendedor brasileiro nascido em 1971 e com passagens pelas emissoras de televisão *CNT Gazeta*, *Band* e *Globo*, tendo ingressado na última em 1999 para apresentar o programa *Caldeirão do Huck*. Não é de hoje, portanto, que Luciano participa do cotidiano da vida do brasileiro. Trabalhando na emissora com maior audiência do país, ele “*entrava*” nos lares de uma enorme quantidade de pessoas Brasil a fora nos sábados à tarde, momento da semana reservado para seu programa na grade da *Globo*.

Sua saída do programa não representou, de forma alguma, um desaparecimento de Luciano dos holofotes midiáticos. Pelo contrário: Huck deixou o *Caldeirão* para, em 2021, substituir Fausto Silva e ocupar períodos da tarde e da noite dos domingos da *Globo* com o programa *Domingão*, não mais *do Faustão*, mas agora *com Huck*.

Veza ou outra, enquanto trilhava sua carreira de incontestável sucesso na telinha, pipocavam na imprensa notícias aqui e ali sobre possível interesse de Huck em ingressar na

vida político-partidária do país³, especificamente nos momentos que precederam o pleito eleitoral de 2018 até tempos atuais. Em um contexto sócio-histórico em que dois grupos majoritários disputam a hegemonia política no Brasil – referimo-nos aos grupos liderados, respectivamente, pelo atual presidente Lula da Silva e pelo ex-presidente Jair Bolsonaro – Huck parece aderir ao discurso da necessidade de uma via alternativa.

Seu interesse em participar do debate público sobre os rumos do país é demonstrado por meio de seu perfil na rede social X. Desde 13 de abril de 2024, data em que foi postado no perfil de Huck o vídeo que analisamos na sequência, até agosto de 2024, o jornalista/apresentador fez postagens que se referiam, direta ou indiretamente, ao jogo político. Entre *posts* que tratam do *Domingão com Huck*, como os referentes ao quadro *Dança dos Famosos* e a índices de audiência, há aqueles que falam sobre: o atentado ao político estadunidense Donald Trump, a partir de uma visão crítica à polarização política; os 30 anos do Plano Real; a entrevista que Huck fez e que foi publicada pelo jornal *O Globo* com quatro ex-presidente de países da América Latina; o esdrúxulo Projeto de Lei 1904/2024, que possibilita pena igual ou maior para quem realiza um aborto em comparação com quem comete um estupro.

³ Sobre as especulações a respeito do interesse de Luciano Huck em participar da vida político-partidária do país, olhar matérias publicadas por *Notícias da TV*, *Observatório dos Famosos*, *El País* e *Gazeta do Povo*, a partir dos links a seguir, elencados por ordem temporal de publicação das matérias:

- El País: As ideias, por ora frustradas, que moviam Luciano Huck à presidência. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/15/politica/1518732156_225000.html>. Publicada em 15 fev. 2018 (matéria assinada por Felipe Betim). Acesso em: 16 ago. 2024.

- Gazeta do Povo: DEM, PSB, Cidadania, Podemos ou o “domingão” da Globo: para onde vai Luciano Huck em 2022. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/republica/luciano-huck-futuro-politico-eleicoes-2022/>>. Publicada em 14 fev. 2021 (matéria assinada por Wesley Oliveira). Acesso em: 16 ago. 2024.

- Notícias da TV: Luciano Huck vê candidatura à presidência no seu destino: 'Não sai do debate'. Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/celebridades/luciano-huck-ve-candidatura-a-presidencia-no-seu-destino-na-o-sai-do-debate-104433>>. Publicada em 22 jun. 2023. Acesso em: 16 ago. 2024.

- Observatório dos Famosos: Luciano Huck fala sobre tentar candidatura de presidente nas eleições de 2026. Disponível em: <<https://observatoriodosfamosos.uol.com.br/noticias/luciano-huck-fala-sobre-tentar-candidatura-de-presidente-nas-eleicoes-de-2026>>. Publicada em 22 jun. 2023 (matéria assinada por Luiz Gustavo). Acesso em: 16 ago. 2024.

- Observatório dos Famosos: Luciano Huck não desistiu da política e pode concorrer à Presidência em 2026. Disponível em: <<https://observatoriodosfamosos.uol.com.br/colunas/em-off/luciano-huck-nao-desistiu-da-politica-e-pode-concorrer-a-presidencia-em-2026>>. Publicado em 30 mai. 2024. Acesso em: 16 ago. 2024.

A engajada atuação de Huck em temas políticos por meio de suas publicações no X, somada às referidas especulações sobre seu interesse em ingressar na vida político-partidária do país, configuram o contexto no qual se insere a materialidade que analisamos a seguir. Trata-se, assim, de condições de produção do discurso, que atuam decisivamente na produção dos efeitos de sentido, como apontamos anteriormente, a partir de Pêcheux ([1969] 1997). Dentre tais condições, ainda de acordo com Pêcheux, está o jogo de projeções imaginárias sobre os diferentes lugares e referentes no contexto da produção discursiva, conforme definimos anteriormente. Tais imagens, que no caso da materialidade a ser analisada incidem sobre posições no espectro político, serão analisadas ao longo deste trabalho.

Por fim, no que tange a esta seção sobre as condições de produção do discurso, faz-se importante destacar que o meio em que os dizeres em análise circulam – a rede social X, antes denominada *Twitter* – tem grande número de usuários. No segundo trimestre de 2024, quando o vídeo que analisamos neste artigo foi publicado, o X possuía cerca de 250 milhões de usuários ativos no mundo, de acordo com dados levantados pelo jornal britânico *Financial Times* e partilhados em matéria de Bruno De Blasi (2024) no site *Canaltech*. Isso mostra a grande capacidade de alcance da rede, especialmente se pensarmos nos casos dos perfis de figuras públicas, como Luciano Huck. O perfil do apresentador, em agosto de 2024, possui mais de 13 milhões de seguidores. A postagem que analisamos a seguir, especificamente, tem aproximadamente 10,3 mil curtidas e cerca de 5,2 milhões de visualizações, números que comprovam o alto grau de circulação dos dizeres ali reproduzidos e que reforçam a importância das análises que realizamos neste artigo⁴.

Do futebol como metáfora

⁴ O vídeo que analisamos neste trabalho, além de ter sido publicado em 13 de abril de 2024 no perfil de Luciano Huck no X, foi na mesma data publicado no perfil do apresentador no *Instagram*, rede social na qual Huck tem cerca de 22,2 milhões de seguidores. O vídeo, especificamente, teve pouco mais 1 milhão de reproduções. As publicações no X e no *Instagram* divergem no que se refere ao texto que acompanha o vídeo. No *Instagram* ele é acompanhado pelo seguinte período: “E você, quando o assunto é política, está em uma caixinha?”, conforme disponível em: < <https://www.instagram.com/p/C5s5qnCLTuL/>>. A diferença nos textos pode indicar a produção de efeitos leitores distintos em relação ao X e ao *Instagram*, questão que acreditamos ser interessante para ser pensada futuramente, em uma tentativa de analisar discursivamente as diferenças entre as redes.

Na sociedade brasileira, existe em circulação⁵ um discurso que coloca o Brasil como o país do futebol. Não entraremos aqui no mérito se a ideia corresponde à realidade, mas nossa reflexão parte da posição de que o esporte bretão é o mais conhecido e, principalmente, o mais midiático no Brasil dentre todos os desportos. Daí ser comum em nossa sociedade que as pessoas tracem paralelos com o futebol para explicar melhor uma ideia. Na política, tal prática é corriqueira.

Como esporte de envergadura internacional, a abrangência do futebol extrapola o contexto brasileiro e, no caso específico que iremos agora destacar, chega a solo francês. Michel Pêcheux ([1983] 2015), ao analisar o enunciado “On a gagné” (“Vencemos”), referente à vitória de François Mitterand, em maio de 1981, na eleição para a presidência da França, mostra um funcionamento discursivo que mistura política e esporte, fazendo com que o acontecimento eleitoral seja apresentado na televisão como o “resultado de uma super-copa de futebol político” (p. 19). Recorre-se à evidência do resultado de uma partida no domínio esportivo para se explicar um resultado eleitoral, mas quando este é olhado com mais atenção, logo percebemos sua opacidade: ganhamos o quê, como e por quê? Quem ganhou?

O efeito de evidência trazido do domínio esportivo – vamos pensar especificamente o caso do futebol – é o que funciona também na peça que apresentamos para análise. Conforme Pêcheux, o efeito de evidência resulta do funcionamento ideológico, que produz para os sujeitos a naturalização dos sentidos. Nos termos de Pêcheux ([1975] 1997a): “é a ideologia que, através do ‘hábito’ e do ‘uso’, está designando, ao mesmo tempo, *o que é e o que deve ser*” (itálicos do original), produzindo no dizer a evidência do sentido. O sujeito – uma posição discursiva, recoberta figurativamente por Luciano Huck – sustenta praticamente toda a sua argumentação política a partir de metáforas que remetem ao domínio do futebol. Vejamos, a seguir, três sequências discursivas recortadas da materialidade verbal do vídeo⁶ em que podemos ver esse funcionamento discursivo:

SD1: Ambidestro. Tem gente que escreve com as duas mãos ou chuta com os dois pés. Tipo o Messi, o melhor jogador do mundo. Acho que isso deve ser uma certa

⁵ Compreendemos a circulação como uma das etapas dos processos de produção de sentidos, como teorizado por Orlandi (2001, p. 9), ao afirmar que tais processos “implicam três momentos igualmente relevantes”: sua constituição; sua formulação; e sua circulação. A circulação compreende, conforme Orlandi (2001, p. 11), “Os trajetos dos dizeres”, o modo como se dão a conhecer em um determinado contexto sócio-histórico.

⁶ O vídeo em análise foi publicado no perfil de Luciano Huck com legendas. As sequências discursivas deste artigo reproduzem tais legendas.

vantagem para ele, não é não? Mas eu não tô aqui pra falar de futebol não, mas sim de: política. (Huck, 2024)

SD2: Claro, não tem problema se identificar com um dos dois lados. O que estou querendo mostrar é que na política, assim como no futebol, dá pra chutar com os dois pés. Eu sou muito ruim de jogar futebol, mas eu sou ambidestro na vida. Porque eu estou aberto a substituir a minha ideia pela sua, se a sua for melhor. (Huck, 2024)

SD3: E eu gosto do nosso estilo de jogo, até porque a gente aprendeu com craques que olhavam pra um lado e tocava a bola para o outro. O campo é enorme quando o jogador tem visão! (Huck, 2024)

Na superfície linguística dessas três sequências discursivas temos marcas que apontam para sentidos trazidos do domínio futebolístico, como “futebol” (termo que comparece três vezes); “jogador/jogar/jogo (que, juntos, comparecem quatro vezes)”; “Messi”; “campo”. No entanto, para atravessarmos a superfície e chegarmos à forma como os sentidos estão sendo produzidos, precisamos de gestos interpretativos que sinalizem como a construção semântica se dá na argumentação de Huck por meio dos termos e das expressões que vêm do futebol. E nesse ponto já podemos começar a trabalhar com as imagens projetadas no discurso – as formações imaginárias – e com os saberes consolidados que estão sendo nele reproduzidos, a partir da memória como interdiscurso.

Na primeira sequência discursiva, destacamos a formulação “chuta com os dois pés”, seguida por “Tipo o Messi, o melhor jogador do mundo”. A referência ao argentino Lionel Messi, eleito oito vezes pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) como melhor jogador de futebol do planeta, remete a um efeito de genialidade, de alguém que se destaca dentre os demais. Chutar com os dois pés é uma característica, portanto, do gênio da bola, Messi, o que atribui ao ato uma valoração positiva (“deve ser uma certa vantagem para ele, não é?”, conforme marcado na SD1).

É ao final da primeira sequência discursiva que tem início no dizer a transição do domínio do futebol para o da política: “Mas eu não tô aqui pra falar de futebol não, mas sim de: política” (SD1). Marca-se, assim, fortemente a transição que atribui um efeito de evidência – efeito este ideológico – que vem do domínio do futebol ao campo político.

Na segunda sequência discursiva, é retomado o discurso que valoriza o “chutar com os dois pés”, mas agora já tendo havido o direcionamento dos sentidos para a política (“na política, assim como no futebol, dá pra chutar com os dois pés”, conforme SD2). A resposta do que isso significaria no campo político é dada logo a seguir, ainda na segunda sequência discursiva: “substituir a minha ideia pela sua, se a sua for melhor”. O efeito de genialidade

trazido pela referência à Lionel Messi é atribuído, dessa maneira, àqueles que, no campo político, substituem suas ideias pré-concebidas quando confrontados com uma ideia melhor. O que é melhor, para quem é melhor, quem julga melhor não são problematizados. De todo modo, por efeito de memória, percebe-se a retomada de um discurso que valoriza aqueles que não se “prendem” às ideias comumente atribuídas a um mesmo campo político.

Na terceira sequência discursiva, marca-se uma espécie de autoelogio, que produz sentidos a partir das formas de se praticar o futebol taticamente: “gosto do nosso estilo de jogo” (SD3). Podemos pensar que esse “estilo de jogo” remete, na política, justamente àqueles que aceitam substituir suas ideias pelas do outro. A estes, novamente, é atribuído o discurso de genialidade, proveniente do futebol, o que ocorre a partir da associação que é feita desse grupo a dois importantes nomes do esporte. Tal relação é feita, primeiramente, com o uso da expressão “craques que olhavam pra um lado e tocava a bola para o outro”, acompanhada no vídeo por imagens com jogadas de Ronaldinho Gaúcho, brasileiro escolhido por duas vezes pela FIFA como melhor jogador do mundo. Posteriormente, há a referência ao jogador que “tem visão”, frase pronunciada com uma imagem ao fundo de Pelé, comumente considerado o melhor jogador de futebol da história. Dois importantes nomes do esporte, portanto, são associados àqueles que, politicamente, trocam suas ideias pelas dos outros.

Até aqui, nosso gesto interpretativo buscou mais lançar luz à valorização que é feita de um grupo específico a partir da transição de efeitos de sentido do domínio esportivo para o político. A partir de agora, analisaremos de que forma isso incide sobre os campos da direita e da esquerda do espectro político.

Direita x esquerda: uma disputa de sentidos

Na continuidade de nossas análises acerca dos modos de produção de sentidos no vídeo com circulação na rede social X, postado e apresentado por Luciano Huck, empreendemos um segundo gesto de análise em torno das projeções sobre direita e esquerda no espectro político brasileiro que nele se marcam. Tal recorte analítico dialoga com pesquisas anteriores (Roncada, 2016; 2022), nas quais analisamos disputas de sentidos entre direita e esquerda na conjuntura política do Brasil, a partir de dizeres em debates televisivos presidenciais.

Começamos esse segundo gesto de análise com a seguinte sequência discursiva, que representa uma fala de Huck no vídeo em análise e que se localiza temporalmente entre as SD1 e SD2, analisadas anteriormente:

SD4: Na internet costumam chamar quem não se encaixa em nenhum dos dois lados de isentão. Outras pessoas chamam de liberal. O nome não importa muito. O que importa pra mim é pensar que quando a gente se fecha numa caixinha de direita ou de esquerda, a gente se fecha também para muita ideia boa que vem de um lado ou do outro. (Huck, 2024)

Na SD4, são apresentadas duas denominações: “isentão” e “liberal”, que seriam mobilizadas por um sujeito indeterminado (“costumam chamar...”; “outras pessoas chamam de...”) para dizer daquele que não ocuparia “nenhum dos dois lados”, retomados posteriormente por “caixinha de direita ou de esquerda”. Nenhuma dessas duas denominações, no entanto, são assumidas pelo sujeito na posição de enunciador, uma vez que no fio do discurso é minimizada a necessidade de se nomear a posição que ocupa (“O nome não importa muito”, conforme a SD4).

Na sequência, no entanto, tem-se a explicação do que representaria ocupar a posição a partir da qual o sujeito produz seu discurso: “[...] quando a gente se fecha numa caixinha de direita ou de esquerda, a gente se fecha também para muita ideia boa que vem de um lado ou do outro”. O sujeito está, dessa maneira, distanciando-se discursivamente das tais “caixinhas” e se posicionando como alguém imaginariamente capaz de se apropriar de “muita ideia boa”, proveniente tanto da direita como da esquerda. Isso faz com que se recupere uma discursividade de que o “liberal” seria essa figura capaz de reproduzir dizeres que seriam particulares de cada um dos dois polos do espectro político.

Retomando a teorização de Pêcheux ([1969] 1997), Orlandi (2013, p. 40) explica que o funcionamento discursivo se dá a partir das formações imaginárias, que compõem, como já dissemos, as condições de produção do discurso. Assim, a autora comenta que não são os sujeitos físicos nem as situações empíricas que estão atuando no discurso, mas sim as imagens que resultam de projeções. Para nós, é justamente a imagem do “liberal” como alguém capaz de se apropriar do que há de bom nos dois campos políticos que está em funcionamento nos dizeres da peça midiática em análise.

Um outro ponto que precisamos destacar é referente à opacidade do termo “liberal”. Pêcheux ([1983] 2015a) trabalha com o que ele chama de objetos paradoxais, dentre os quais cita termos como “povo”, “trabalho” e “liberdade”, que podem produzir diferentes sentidos a

partir das distintas posições ocupadas pelos sujeitos que os enunciam. “Liberal”, para nós, entra nesse mesmo grupo, uma vez que podemos questionar: será que se dizer liberal no Brasil tem o mesmo sentido que se dizer liberal em outros lugares do mundo? Ainda que nos limitemos ao Brasil, será que o sentido de liberal é o mesmo em períodos temporais distintos? Acreditamos que não, por isso a opacidade à qual nos referimos anteriormente sobre o termo. E podemos questionar também: a correlação entre “liberal” e “isentão” seria correta? Nesse ponto, podemos recuperar o próprio texto que é publicado pelo perfil de Huck junto ao vídeo: “É isentão que vocês chamam por aqui né?”. A denominação parece-nos produzir um efeito de sentido que confere distanciamento equânime do liberal – e do discurso produzido pelo sujeito representado por Huck – em relação aos dois campos políticos. Mas podemos questionar: não poderia haver liberais mais inclinados à direita e liberais mais inclinados à esquerda?

Retornando uma vez mais à formulação teórica de ideologia, a partir de Pêcheux ([1975] 1997a), temos que, em seus termos: “É a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc.”; e, do mesmo modo, o que é um “liberal”, cuja imagem está atuando na produção dos efeitos de sentido na peça midiática, em relação a formações imaginárias que projetam também no dizer imagens para direita e esquerda.

Para analisarmos esse funcionamento discursivo, mobilizamos a SD5, situada temporalmente no vídeo entre as SD2 e SD3:

SD5: Por exemplo, eu acredito que é possível lutar pela igualdade entre homens e mulheres ao mesmo tempo que eu acredito no poder do empreendedorismo. Que é possível acreditar que todo mundo tem o direito de amar quem quiser, independente de gênero. Ao mesmo tempo que dá para acreditar também no mercado aberto, na privatização e na eficiência de estatais. É possível acreditar que a gente precisa buscar fontes renováveis, energias limpas, ao mesmo tempo que dá para defender a liberdade de expressão. Aliás, não tem ditadura amiga, seja ela de esquerda ou de direita. É ditadura, eu sou contra. Agora dá umas olhadinhas nos comentários desse vídeo. Vai ter gente das duas caixinhas me criticando. Uns falando que eu sou comunista, outros que eu sou capitalista, mas está tudo bem, não me incomoda incomodar e apanhar dos dois lados. Nós que não nos encaixamos em nenhuma dessas caixinhas, somos muitos! (Huck, 2024)

Na SD5, tomamos como uma marca fundamental para a análise a locução conjuntiva subordinativa de tempo “ao mesmo tempo que”, empregada três vezes na sequência discursiva. Com valor semântico de “simultaneidade”, ela funciona discursivamente

possibilitando que duas ideias que, a princípio pareceriam opostas, pois provenientes de diferentes campos políticos, possam ser defendidas simultaneamente. Assim, teríamos as seguintes dicotomias:

- a) “lutar pela igualdade entre homens e mulheres” x “acredito no poder do empreendedorismo”;
- b) “acreditar que todo mundo tem o direito de amar quem quiser, independente de gênero” x “acreditar também no mercado aberto, na privatização e na eficiência de estatais”;
- c) “acreditar que a gente precisa buscar fontes renováveis, energias limpas” x “defender a liberdade de expressão”.

Conforme já mencionamos, a SD5 aparece na peça midiática após a SD2, que é finalizada com o dizer “estou aberto a substituir a minha ideia pela sua, se a sua for melhor”. Também vimos há pouco, na SD4, o dizer “quando a gente se fecha numa caixinha de direita ou de esquerda, a gente se fecha também para muita ideia boa que vem de um lado ou do outro”. Quando combinamos tais dizeres, podemos entender que as referências feitas na SD5 condizem com ideias que partem da direita e da esquerda do espectro político, e que o sujeito está exemplificando – o termo “por exemplo” marca isso – como é possível aderir simultaneamente a ideias dos dois campos, não ficando assim preso ao que ele chama de “caixinha de direita ou de esquerda” (SD4).

Sendo assim, entendemos que o que está em jogo são retomadas de discursos já em circulação do que são direita e esquerda. São seis as ideias mencionadas na SD5, divididas em três pares, conforme retomamos, e que corresponderiam a dicotomias que estariam sendo superadas pelo sujeito ao se identificar com ambos os lados do par. Assim, somos levados a acreditar que cada lado representaria um dos campos do espectro político. A pergunta que fica é: quais ideias seriam as de direita e quais seriam as de esquerda?

Norberto Bobbio, filósofo político italiano, tem uma das principais teorias a respeito de como diferir o campo da direita do da esquerda. Segundo Bobbio (1995), os campos se diferem na postura que adotam frente ao ideal de igualdade. O autor explica que os homens são tão iguais quanto desiguais, sendo que a esquerda privilegia o que eles têm de igual, enquanto a direita, o que eles têm de desigual. Bobbio comenta que não haveria, nessa distinção, uma valoração positiva ou negativa dos termos. Não haveria valoração positiva da igualdade, por exemplo; seriam apenas abordagens distintas de se olhar para vida, maneiras diferentes de se alcançar uma sociedade melhor.

Consideramos a teorização proposta por Bobbio (1995) como constituindo um discurso sobre direita e esquerda, e que acreditamos que nos ajuda a identificar quais ideias pertencem a quais campos na SD5, especialmente nos pares a) e b), destrinchados anteriormente. Vejamos: igualdade entre homens e mulheres e igualdade no direito de amar quem quiser nos parecem apontar para um discurso de que todos têm os mesmos direitos, ou seja, destaca o que todo ser humano tem de igual. Seriam, portanto, discursos que retomam uma memória discursiva do que é ser de esquerda, especificamente a partir do que postula Bobbio (1995). Vemos em atuação no discurso produzido na peça em análise justamente uma imagem do que é ser de esquerda.

Por outro lado, acreditar no poder do empreendedorismo e defender o mercado aberto e as privatizações apontam para um discurso que adere à ideia de que os diferentes atores, sejam eles indivíduos ou empresas, devem ser estimulados a desenvolver as suas habilidades particulares, que são distintas entre uns e outros, e que isso, sem muita intervenção do Estado, faria a sociedade ser um ambiente melhor. Há, portanto, destaque para o que temos de desigual, o que retomaria dizeres que compõem uma memória do que é ser de direita, também conforme o que foi pontuado por Bobbio (1995). Logo, percebemos que esta imagem do que é ser de direita está em pleno funcionamento no vídeo publicado pelo perfil de Huck no X.

Com relação à eficiência das estatais, acreditamos estar sendo retomada uma discursividade proposta pelo cientista político André Singer (2002) para diferenciar direita e esquerda no contexto específico do Brasil, na qual os dois campos buscariam o combate às desigualdades, porém, apresentariam divergências na forma como tal enfrentamento seria feito. Enquanto a esquerda procura combater as desigualdades por meio da mobilização social, a direita o faz por meio da imposição da ordem a partir do Estado. Nesse sentido, a nosso ver, o discurso da eficiência das estatais estaria remetendo à necessidade de o Estado impor a ordem econômica, logo recuperando-se uma discursividade característica da direita.

Se repararmos bem, vemos que nos pares a) e b) a primeira formulação aponta para o campo da esquerda, enquanto a segunda, direciona sentidos provenientes da direita. Seguindo esse padrão, temos que no par c), a defesa de fontes renováveis e de energia limpa estaria condizendo à esquerda, enquanto a defesa da liberdade de expressão estaria sendo colocada como pertencente ao campo da direita. Essa compreensão não parte apenas do padrão estabelecido pela análise da peça midiática em questão – primeiro a ideia que vem da esquerda, depois a da direita –, mas também por discursos que circulam na sociedade:

primeiro, o de que partidos de esquerda conferem maior atenção a pautas ambientais; e, segundo, o de que grupos de extrema-direita defendem a liberdade de expressão como forma de se poder dizer qualquer coisa, mesmo que isso, de alguma forma, ofenda o próximo.

Nesse ponto, consideramos o par c) bastante polêmico, podendo ser problematizado: por que alguém que se identifica com a importância da defesa de pautas ambientais seria necessariamente de esquerda? E por que a liberdade de expressão seria um valor atribuído à direita?

Acreditamos que nossa problematização possa se estender aos elementos dos pares a) e b). Por exemplo: é retomado como discurso da esquerda a defesa de que todo mundo tem o direito de amar quem quiser. A pergunta que fica é se defender tal discurso faz com que alguém seja necessariamente de esquerda. Se pensarmos na divisão entre os campos proposta por Bobbio (1995), que foca na abordagem dada ao ideal da igualdade, há margem para uma dupla interpretação. De um lado, por se tratar de um direito que deve ser comungado por todo cidadão, amar quem quiser pode indicar um efeito de sentido de igualdade que caracteriza o campo da esquerda. Por outro lado, se pensarmos na questão da sexualidade como um aspecto particular de cada indivíduo e que deve/pode ser manifestada de diferentes formas por diferentes pessoas, sem a existência de um padrão normativo, poderíamos vislumbrar a atuação de um discurso da desigualdade, característico da direita.

Independente do elemento que queiramos problematizar, neste momento em que finalizamos a seção de análise o ponto crucial é perceber a forma como as imagens sobre direita e esquerda estão em pleno funcionamento nos dizeres produzidos pelo sujeito na peça midiática. São a partir dessas imagens, compostas por discursos em circulação na sociedade e retomados nos dizeres em análise, que o sujeito constrói sua argumentação de que é possível defender ideias dos dois campos políticos. É a partir dessas imagens que os efeitos de sentido vão sendo produzidos e que o sujeito sustenta sua posição de que ele – e mais aqueles que comungam de seus argumentos – está além da divisão direita/esquerda.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, filiados à análise do discurso materialista, buscamos analisar como se produzem efeitos de sentidos em um vídeo publicado por Luciano Huck, em seu perfil na rede social X. Iniciamos apresentando o objeto de pesquisa a ser analisado, passando

na sequência para as condições de produção da peça midiática, momento no qual falamos um pouco mais sobre Luciano Huck e sobre a rede social X, meio de circulação dos dizeres em análise.

Passada a seção destinada às condições de produção, explicamos, inspirados em Pêcheux ([1981] 2015), como as referências a saberes do domínio esportivo, especificamente do futebol, atuam na peça midiática em análise como forma de gerar um efeito de transparência ao fragmentado domínio político. Mais do que isso, vislumbramos no efeito de genialidade produzido a partir das referências a craques do futebol a atribuição de valor positivo aos grupos que se colocam discursivamente como capazes de agregar simultaneamente ideias que viriam tanto do campo da direita como do da esquerda.

Por fim, investigamos como as imagens dos dois campos do espectro político – imagens estas que compõem as condições de produção do discurso – atuam nos dizeres produzidos pela peça midiática no sentido de sustentar a posição de que o sujeito rompe com a divisão direita/esquerda, ou seja, indo além dessa díade, superando-a. Nesse sentido, problematizamos as imagens de direita e esquerda produzidas no que definimos como pares a), b) e c).

Quando consideramos as especulações mencionadas no início deste texto de que Luciano Huck cogitaria ingressar na vida político-partidária do país, os efeitos desse estar além da díade direita/esquerda que observamos na seção de análise retoma uma discursividade que vemos em circulação na sociedade: a de que seria necessário ao Brasil o estabelecimento de uma força política para além da polarização formada pelos grupos políticos liderados pelo atual presidente Lula da Silva, este no campo da esquerda, e pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, este no campo da direita. Nesse aspecto, Luciano Huck poderia despontar como uma liderança da chamada terceira via, ainda que isso não signifique que venha de fato a disputar alguma eleição.

Ao identificarmos os discursos em circulação que funcionam como pré-construído e que sustentam as imagens sobre direita e esquerda em atuação na peça em análise, acreditamos estar diante de um reflexo do crescimento da extrema-direita no Brasil e no mundo. Crescimento esse que faz encolher uma direita moderada. Um discurso como “amar quem quiser” não incomoda a direita, mas sim certos grupos da extrema-direita. E, nas condições de produção atuais brasileiras, talvez certos grupos fundamentalistas religiosos.

Também a defesa de fontes renováveis não parece incoerente à direita, mas sim a grupos negacionistas que compõem majoritariamente a extrema-direita.

Pela forma como funcionam discursivamente enquanto pré-construídos no vídeo, direita e esquerda parecem apagar outras possibilidades do espectro político, como a extrema-direita e a extrema-esquerda, por exemplo. Ao estabelecer as dicotomias – que chamamos neste trabalho de pares a), b) e c) – produz-se um efeito de pré-construído, como se, como todos sabemos, só há direita e esquerda. E a via outra, do "liberal/isentão" vira a salvação, porque diferenciada, inclusiva. Isso apaga um espectro político muito mais complexo e funciona a partir de um silenciamento, ou seja, pelo não-dito de que há direitas e direitas, esquerdas e esquerdas.

Reestabelecer os canais de diálogo entre direita e esquerda é tarefa fundamental a todos hoje, desde políticos até nós, cidadãos sem cargo político. Representa a sobrevivência da democracia. Nos apropriando de um dizer produzido na peça analisada, especificamente na SD2, “não tem problema se identificar com um dos dois lados”. É justamente sobre isso, não há qualquer problema se identificar como uma pessoa de direita ou de esquerda. Isso não representa se fechar em uma “caixinha”. Extremistas de ambos os lados sempre existiram e continuarão a existir, mas eles não definem os dois campos. Os democratas de ambos os lados precisam continuar a luta pela reconstrução de pontes, redefinindo o contexto atual. O bom debate público travado respeitosamente por direita e esquerda é necessário e a democracia urge por ele.

Referências

RONCADA, B. **Análise dos discursos políticos de direita e de esquerda**: uma comparação entre os debates dos presidentes na televisão em 1989 e em 2014. 2016. 71 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo). Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2016.

_____. **Um olhar sobre o PSDB no espectro político**: análise do discurso do Partido da Social Democracia Brasileira em debates televisivos presidenciais. 2022. 164 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina.

(Orgs.). **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999. p. 15-22.

DE BLASI, Bruno. Após início da era Musk, número de usuários do X/Twitter parou de crescer. Canaltech, 2024. Disponível em:

<<https://canaltech.com.br/redes-sociais/apos-inicio-da-era-musk-numero-de-usuarios-do-xtwitter-parou-u-de-crescer-295215/>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

HUCK, Luciano. É isenção que vocês chamam por aqui né?. 13 abr. 2024. X: @LucianoHuck. Disponível em: <<https://x.com/LucianoHuck/status/1779147099868688449>>. Acesso em: 16 ago. 2024.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes Editores, 2001.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 11ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69) [1969]. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. pp. 61-161.

PECHÊUX, Michel. [1975]. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Trad. Eni Orlandi [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997a.

PECHÊUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento [1983]. 7ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PECHÊUX, Michel. **Ideologia** – aprisionamento ou campo paradoxal? [1983]. In: Análise de Discurso: Michel Pêcheux. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015a. pp. 107-119.

SINGER, André. **Esquerda e Direita no Eleitorado Brasileiro**: A Identificação Ideológica nas Disputas Presidenciais de 1989 e 1994. 1 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

TUDO sobre Luciano Huck. **NaTelinha**, sem data. Disponível em:

<<https://natelinha.uol.com.br/famosos/tudo-sobre/luciano-huck>>. Acesso em: 16 ago. 2024.